

## Sistema Único de Saúde (SUS) - a expressão de um desejo (parte 7)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

Logo a seguir, em 1975, é criado o [Sistema Nacional de Saúde](#) (SNS). O nome pode até confundir, mas a diferença desse “sistema” com o SUS é gritante. Suas postulações pareciam protocolos de boas intenções para fazer jus ao II PND que dependeria de questões cruciais como o financiamento e a dívida externa. Somente com a (1ª) Lei Orgânica da Saúde - [Lei 8080, de 19/09/1990](#), em seu artigo 55, a Lei do SNS é revogada. Também, em 1975, foi realizada a 5ª Conferência Nacional de Saúde (5ª CNS). Embora alguns de seus participantes se tornassem, adiante, personagens da Reforma Sanitária, os tempos da ditadura não permitiam que a saúde fosse expressa como um desejo reformista (e revolucionário). Os que desejavam, de verdade, eram ainda poucos. O [Relatório Final](#) da 5ª CNS, para ser acessado é uma corrida de obstáculos, principalmente num país sem memória, mas com paciência chega-se nele. O que conseguimos ver é que das suas 121 páginas, 64 delas com a lista de seus participantes, nome, profissão, cargo, instituição, endereço, telefone e local, cada um numa linha do relatório final. Faltou o CEP (rsrs)... O Relatório Final, ele mesmo, parecia um sermão meio-bíblico do que poderia ser e não o que deve ser e já deveria ter sido. Pudera, ainda estávamos longe, a dez anos da democratização do país. Em 1977 irrompeu a 6ª CNS. Vocês já devem ter percebido que estou falando das CNS por causa da 8ª CNS, esta sim, a que mudou os rumos da saúde no Brasil. Na 6ª CNS, Geisel, o penúltimo ditador (light?), fez o discurso de abertura ([veja](#)). Nele, Geisel começou cada parágrafo com a palavra *Difícil* e no 7º (parágrafo), pra variar, usou *Dificuldades*.... Nada era fácil então, menos ainda para Ele que participava do governo de um país que destróçou as políticas sociais que estavam a caminho antes da ditadura... A saga se manteve nessa 6ª CNS. Das 165 páginas do Relatório Final 123 páginas de lista dos participantes. Cabe uma observação, apenas. No Tema III (eram IV) - *Interiorização dos Serviços de Saúde*, apresentado por José Carlos Seixas, na época Secretário-Geral do Ministério da Saúde, havia um certo bafejo dos tempos que estavam por vir. Ele falou do PIASS. Vejamos. .... O Programa de Interiorização de Ações de Saúde e Saneamento (PIASS) já tinha correndo em suas veias os genes do SUS. As coisas começavam a caminhar como prenúncio do que estaria por vir. É bom ressaltar que o PIASS, implantado em regiões com extrema carência de serviços de saúde, cravou alguns dos princípios que seriam adotados pelo SUS, como descentralização, regionalização e hierarquização, entre outras. Finalmente, a 7ª CNS, realizada em 1980, quando a abertura política já estava (quase) consolidada, seu tema foi a “*Extensão das ações de saúde através dos serviços básicos*”. Sei que não é um parâmetro “epidemiológico” confiável, mas a título de comparação, de suas 280 páginas, apenas 23 eram dedicadas à lista de seus 402 participantes.

Alguma coisa mudava em termos de projeto individualista... E entre os participantes, incontáveis companheiros militantes pela Reforma Sanitária, já por dentro do Movimento. A 7ª CNS foi um grande tapete vermelho estendido para a 8ª CNS, enfim. Claro que a maioria era (ainda) de médicos e alguns outros profissionais de nível superior. Foi a última CNS que não cheirava a povo (ainda era ditadura). Só com a 8ª CNS o SUS passou a cheirar a povo. Ao falar sobre as conferências nacionais da época da ditadura, vocês devem ter percebido que não falei da 4ª CNS. Se falasse dela seria uma espécie de escárnio. Mas, mesmo assim, falarei algo. O ministro da saúde da época, Leonel Miranda (Tavares de Albuquerque), médico psiquiatra, diretor-presidente da [Casa de Saúde Dr. Eiras](#), fez o discurso de abertura. Essa “casa de saúde” manicômio fazia parte do “holocausto brasileiro”, retratado no livro de nossa colunista Rosângela Gaze sobre os grandes crimes do Estado brasileiro, nas [páginas 121 a 130](#). Esse ministro assinou a ‘tenebrosa transação’ chamada Ato Institucional nº 5. [Reveja](#) e confira a assinatura do elemento. Foi contra a perpetuação do holocausto brasileiro que a [Reforma Psiquiátrica Brasileira](#) e suas políticas antimanicomiais fizeram parte do ideário da Reforma Sanitária e do cardápio do SUS. É bom assinalar que a reforma foi boicotada, inclusive com o incentivo para comunidades terapêuticas, em que algumas delas reproduzem o holocausto. [Na gestão Bolsonaro, a área da saúde mental recebia cerca de 2% do orçamento previsto ao Ministério da Saúde e o valor não é suficiente para cobrir os gastos atuais do setor](#). Nesse passeio pelos anos durante a luta pela democracia e o Movimento Sanitário, é importante lembrar da [Lei da Anistia](#), em 1979, que propiciou a [volta do irmão do Henfil](#), o Betinho (Herbert de Sousa), junto com tantos outros exilados que contribuíram com a Reforma Sanitária Brasileira. O próprio Betinho, hemofílico, com HIV devido à transfusão de sangue contaminado, foi fundamental na [Assembleia Nacional Constituinte](#) para impedir a comercialização do sangue. A CF/88 tem um pouco do sangue do Betinho.... ■ ■ ■

Fontes: [A.....](#) (sobre o médico Dr. Eiras) // [B.....](#) // [C.....](#) // [D.....](#)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.